



**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

**Projeto do Programa PROBIC na área de Psicologia**  
**Título do projeto proposto: "Das Misericórdias reais ao direito democrático : breve trajetória analítica das concepções de saúde pública no Brasil"**  
**Coordenador do projeto: Hélder Rodrigues Pereira**  
**Aluno: Leonardo Lima Feres Gama**  
**Vigência do projeto: abril/2018 – março/2019**



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

## DAS MISERICÓRDIAS DO SOBERANO À SOLIDARIEDADE DO HOMEM MODERNO: BREVE TRAJETÓRIA ANALÍTICA DAS CONCEPÇÕES DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL<sup>1</sup>

Helder Rodrigues Pereira\*  
Leonardo Lima Feres Gama\*\*

### RESUMO

*O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão acerca dos trabalhos realizados no Estágio de Pesquisa em Saúde Mental desenvolvido no Curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos durante o ano de 2019. O estágio foi desenvolvido a partir de um projeto que tinha como objeto a investigação do sistema de saúde público brasileiro. O principal problema que foi apresentado ao objeto é: estaria essa política pública sendo conduzida pelos princípios da solidariedade ou da compaixão? A justificativa de tal problematização esteve baseada nas origens de um sistema de saúde no Brasil que, nos seus primórdios, baseou-se no Compromisso da Misericórdia de Lisboa que, sob os auspícios do Rei de Portugal, firmava as bases religiosas para o exercício da atenção à saúde, que se voltava para os pobres, sem condições de vida e que, por este motivo, não podiam ser abandonados pela Igreja e pelo Rei. Esse pressuposto medieval evocou uma concepção peculiar da História: a História das Mentalidades que usa os princípios da longa duração (longue durée), tão caro à História dos Annales, que constituiu uma nova abordagem de fazer a História, tendo por objeto um outro olhar, diferente da chamada Escola Positivista. Assim, ao fazer uma análise discursiva do Compromisso da Misericórdia, buscou-se compreender se o Estado Democrático de Direito conserva, em suas entrelinhas e interdiscursos, traços do medieval, que viam no Rei o principal agente divino de promover a saúde e derrotar a doença.*

**Palavras-chave:** Compaixão. Solidariedade. Misericórdia. Direito. Discurso. Saúde Mental

### INTRODUÇÃO

Este artigo se volta para diferentes eixos a fim de se compreender elementos historiográficos que perpassam a concepção de saúde no Brasil, realizando uma leitura para situar se existem elementos do Estado Teocrático

<sup>1</sup> TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia. Este trabalho resulta das atividades de pesquisa desenvolvidas sob edital da PROBIC/UNIPAC durante o ano de 2018.

\* Professor coordenador do projeto de pesquisa.

\*\* Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC).  
leoferes10@hotmail.com

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

cujas práticas que norteavam a caridade cristã influenciam o campo da saúde no país. Tal varredura histórica possibilita uma melhor compreensão das políticas públicas no Brasil. Objetivando alcançar tal pressuposto foi realizada uma pesquisa qualitativa com referências bibliográficas que possibilitam uma discussão mais elaborada e crítica sobre as concepções de saúde atualmente, o artigo traz o relato de uma experiência de estágio de pesquisa ofertada pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos.

A pergunta que norteia o presente texto é: o direito à saúde continua sendo uma prática de misericórdia? Têm se em voga que os discursos das políticas públicas estão embasados em um caráter laico e científico e não em concepções medievais de que a doença era castigo divino e um mal a ser exorcizado. O trabalho segue diferentes percursos: passagens para se compreender o tema e abrir novas discussões.

O tema é caro à psicologia e produz uma crítica em torno da história das políticas públicas no país. A chamada História da Longa Duração (*la longue durée*) afirma que no andamento da história poucas coisas mudam nas relações humanas. Perspectiva contrastante com a história positivista. Os historiadores da Escola dos Annales (1929)<sup>2</sup> pautaram suas pesquisas sobre temas molares e que não são tão caros à tradição historiográfica como o medo, a morte, as lágrimas, o vestuário, a beleza, dentre outros, começou a ser recuperado como parte de uma história que não se modifica ao longo do tempo. Nos pormenores do cotidiano, o homem pós-moderno se depara com aspectos importantes do mundo medieval e constata, com espanto ou aborrecimento, traços medievais presentes na era globalizada e da liquidez das relações. Na verdade, o que constatamos são aspectos demasiado humanos e não estritamente medievais.

Foi utilizado o texto *Mal-estar na Civilização* de Freud (1930/1996), para pensar sobre o desamparo que é próprio da condição humana e da relevância

---

<sup>2</sup> A chamada História dos Annales surge a partir da publicação da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, por Fernand Braudel e Marc Bloch, na França, em 1929.



**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

das relações de alteridade, campo de conflito e de suma importância para a constituição psíquica. Para lidar com o mal-estar o homem adota medidas substitutivas, tais como a religião. Freud (1930/1996), se volta para a religião e crítica os axiomas do cristianismo, colocando os mandamentos como ideais civilizatórios para represar a agressividade que percorre a dinâmica pulsional.

O medo sempre esteve presente na história ocidental. A partir da leitura do livro *Estranhos à Nossa Porta* (BAUMAN, 2017), percebemos o medo ao estrangeiro, como fora dito na história não há elementos medievais ou modernos, mas elementos que constituem a humanidade. Bauman (2017) se volta para o fluxo migratório e sobre os cenários de medo e horror aos migrantes, realizando uma leitura atual sobre o fenômeno alertando que a humanidade vive uma crise humanitária, cuja saída é a solidariedade, imperativo ao qual se encontram os habitantes da era globalizada.

Da *Compaixão à Solidariedade* (CAPONI, 2000), se volta para as motivações das quais foram legitimadas modalidades de assistência médica para os necessitados. A autora analisa a história destas práticas tendo em voga as estratégias voltadas para uma lógica de compaixão piedosa. Tais práticas estão fundamentadas na lógica da caridade ou em um utilitarismo filantrópico que fortalecem vínculos dissimétricos entre os assistentes e os assistidos. A autora, assim como Bauman (2017), se volta para a solidariedade acoplada no imperativo de fundamentar vínculos horizontais que respeitem o assistido, baseadas na equidade e na transformação ativa da realidade social e não em práticas caritativas que atendem à classe dominante. O artigo se volta para estes elementos historiográficos e abre a reflexão sobre o quão é importante para os cidadãos voltarem para a saúde, com uma prática de solidariedade cujo interesse é modificar a realidade social e trazer à tona a importância do outro e o investimento nos pilares mais fracos da sociedade, tendo como base a intenção de melhorar as condições sociais, oferecendo políticas públicas equitativas e fortalecer vínculos de solidariedade.

**UNIPAC**Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

## 1 MISERICÓRDIAS REAIS

O Brasil colônia estava ligado ideologicamente a Portugal, dessa forma, as práticas de assistência à Saúde estavam entrelaçadas com as práticas religiosas, quem cuidava dos enfermos eram os proscritos. Assim, como em Portugal, foi implantado no Brasil a Irmandade da Misericórdia, sendo esta irmandade a responsável pela assistência à saúde. A irmandade elencava um conjunto de normas e regras que regulavam a conduta dos membros da confraternidade, embasadas em um discurso religioso e monárquico. A partir disso, no Brasil deveriam seguir as regras da Irmandade de Misericórdia cujo os irmãos estavam norteados pela caridade cristã e o dever era assistir os pobres, os que necessitavam da esmola do soberano e da misericórdia de Deus.

Considerando os elementos explicitados até o momento, este artigo está calcado em uma análise discursiva que funciona como uma chave hermenêutica para compreender o texto, encontrando elementos intertextuais e interdiscursivos que possibilitam uma crítica em torno das misericórdias. Isso oportuniza encontrar e polemizar se o ideal da misericórdia está presente nas atuais Políticas Públicas de Saúde do Brasil, destacando que estas estão baseadas em um discurso moderno que caracteriza o Estado brasileiro como laico e entrelaçado em um discurso democrático, e não mais guiado por uma economia de poder monárquica. A história da Longa Duração (*longue durée*) nos auxilia a compreender e levantar uma hipótese que nos ajudará a refletir aliado à teoria linguística, a encontrar elementos medievais presentes no texto das Políticas Públicas de Saúde, que estão baseadas em critérios científicos e não mais atreladas à concepção da doença como um castigo de Deus ou um mal a ser exorcizado. Indaga-se o objeto com a seguinte questão: “o direito a saúde continua sendo uma prática de misericórdia?”. O que se observa, de fato, não é um homem separado de seu passado, mas poucas coisas mudam

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

nas relações humanas. A história permite compreender traços sociais, políticos e subjetivos do presente. São muitos os termos para se designar o contemporâneo, mas o que se observa não são traços contemporâneos ou medievais, mas traços demasiadamente humanos.

As sete obras de misericórdia – as corporais – foram retratadas por Michelangelo Merisi da Caravaggio, em 1607. O artista se volta para uma questão religiosa muito em voga na época, que já dava indícios da ascensão do Renascimento com uma nova visão de homem e de mundo focado no antropocentrismo. Essa ascensão ultrapassava uma concepção medieval cujo terreno demarcava uma sombra que escamoteava o homem das palavras e das questões políticas e sociais, destacando que as ações culturais não eram provenientes apenas das estruturas eclesiásticas.

No entanto, o espírito filosófico e social da época estava fortemente marcado por ações seculares como ainda hoje podem ser encontradas. Segundo a doutrina da Igreja Católica, o crente deveria praticar as chamadas obras de misericórdia – que são catorze – para alcançar não apenas sua salvação particular, mas para atuar na sociedade de forma organizada, tendo por base os ideais religiosos. Dessas obras, sete são espirituais e sete são corporais. As espirituais são: dar bom conselho; ensinar os ignorantes; corrigir os que erram; consolar os aflitos; perdoar as injúrias; suportar as fraquezas do próximo; orar pelos vivos e pelos defuntos. As materiais são: alimentar os famintos; dar água aos sedentos; vestir os nus; dar pousada aos peregrinos; assistir aos enfermos; visitar os presos e enterrar os mortos. São práticas, que o ideário eclesial divulgava dogmaticamente como essenciais para a harmonia da sociedade e para a salvação eterna.

As obras de misericórdia denotavam a falta no campo do outro, sendo as materiais as que se voltavam para o domínio do corpo e as espirituais para a alma. No século XVII, Portugal se valia dessas práticas que eram conduzidas pela Irmandade da misericórdia. Era a partir destas práticas que a Igreja calcava seu caráter de organizadora da sociedade, pautada na caridade do

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

Cristianismo, tornando os corpos dóceis e alienando os indivíduos, modelando as demandas. Via de regra a misericórdia não está interessada em modificar as estruturas sociais e fortalecer a capacidade dos indivíduos de gerirem a própria vida, o que é observado é um interesse maior, o discurso político. Está em voga o controle sobre o corpo, objeto maleável por si só.

A ideia de evocar a santidade do soberano pode ser encontrada em outros países europeus, destaca-se, por exemplo, o fenômeno dos Reis taumaturgos em países como França e Inglaterra. Os Reis taumaturgos voltavam-se para a cura da doença conhecida como o “mal dos reis”, as chamadas escrófulas, caracterizadas por uma infecção purulenta que se desenvolvia na região do pescoço e se espalhava pelas espáduas. “O rei Eduardo, da Inglaterra e o rei Luís, da França, acolhiam os doentes em seus domínios. Sobre as escrófulas faziam o sinal da cruz, pronunciando as palavras: “O rei te toca e Deus te cura”. Com o chamado toque real, muitos escrofulosos deixavam o castelo depois de alguns dias, totalmente recuperados de sua enfermidade”. O toque do Rei era uma prática difundida entre os reis medievais da França e da Inglaterra. Mais tarde, os Reis Luís (francês) e Eduardo (inglês) foram devidamente canonizados pela Igreja e se colocaram lado a lado dos santos especialistas em devolver a saúde aos doentes. O mal régio – aquele que cedia ao toque – eram as escrófulas. Infeccionadas e inflamadas as glândulas linfáticas, sua manifestação clínica eram pústulas na região do pescoço, que causavam grande incômodo aos seus portadores.

Não bastava ao rei ser rei, ele deveria apresentar consigo uma centelha divina, o toque real, de forma simbólica colocava nitidamente este imperativo, em que se encontravam de maneira clara o discurso monárquico e o religioso. Com o declínio da Idade Média foram adotadas novas formas econômicas de poder semelhantes às práticas medievais, a que era dever do rei zelar os seus súditos.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

## 1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1.1 Quão medieval é o contemporâneo?

Para se localizar o objeto no espaço e no tempo, utilizamos como base a proposta historiográfica da escola de Annales. O nome está associado ao periódico acadêmico francês “Annales d’Histoire Économique et Sociale”, cujo objetivo é trazer à tona as miudezas da história. Esta perspectiva historiográfica é contrastante com uma historiografia breve dos acontecimentos, demarcadas por bases epistemológicas de cunho positivista que se voltavam estritamente para os fatos. O percurso escolhido é o da longa duração (*longue durée*) que denotam as formas do homem de se organizar na sociedade como um constante.

De acordo com Sousa (1996), no ano de 1619 (31 de janeiro), o Bispo Inquisidor Geral delegava o *Imprima-se (Imprimatur)*, concedendo todas as licenças necessárias para a divulgação do Compromisso da Misericórdia de Lisboa (ANEXO II). Tratava-se de uma obra que trazia as indicações gerais sobre como proceder o fiel que, levado pela caridade cristã, se apresentava para compor o quadro daqueles que formavam a Irmandade da Misericórdia. O Compromisso, logo no seu capítulo primeiro, estabelecia o número e as qualidades que deveriam ter os irmãos da confraria: A primeira qualidade era que fosse limpo de sangue, sem alguma raça de mouro ou judeu, não somente em sua pessoa, mas também em sua mulher, se for casado. A segunda, que seja livre de toda a infâmia, de feito e de direito; por onde nenhum homem notoriamente infamado de algum delito escandaloso poderá ter lugar nesta Irmandade. A terceira, que seja de idade conveniente, e sendo solteiro não será recebido sem ter vinte e cinco anos perfeitos de idade. A quarta que não sirva à caso por salário. A quinta, que tenha renda se for oficial, sendo de ofício [...] ou que seja mestre de obras, [...]. A sexta, que seja de bom entendimento, a saber: por onde não poderá ser recebida pessoa alguma que não souber ler e escrever. A sétima, que seja abastado em fazenda de maneira





**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

que possa acudir ao serviço da irmandade, sem cair em necessidade e sem suspeita de se aproveitar do que correr por suas mãos.

A escolha minuciosa dessas qualidades torna evidente a preocupação seletiva para que a confraria obtivesse êxito em suas empreitadas. O compromisso tem um zelo em trazer à tona o catolicismo como um organizador das estruturas sociais da época, e em contrapartida cuidar dos necessitados, assistir aqueles que estavam às margens da sociedade, tendo como principal aporte a caridade. O percurso histórico fortemente influenciado pela história das mentalidades nos auxilia a compreender e desnaturalizar as práticas caritativas, cujo pano de fundo era devolver a dignidade aos necessitados, mas o que pode ser visto é um assistencialismo, uma estratégia de cunho político e religioso. As práticas misericordiosas não se voltavam para a construção de um conhecimento vivencial que possibilitasse um autogerenciamento da vida dos necessitados, mas em uma economia de poder que se volta para destacar o vínculo do soberano com seu poder monárquico e sua centelha divina. Segundo Bloch (1988), o poder divino e monárquico era inseparável, o poder do soberano era uma espécie de continuidade do poder divino, e se realizava pelos atos do rei. O poder da Igreja Católica era forte representante da força advinda dos céus, para isso era necessário um equilíbrio entre o poder monárquico e o da Igreja. Os pobres, os necessitados eram os objetos deste poder, seus corpos deviam ser curados e suas almas salvas.

No período medieval não possuía nenhum conhecimento sobre os microrganismos, tal desconhecimento aliado às condições de higiene precárias, faziam com que as doenças se espalhassem de forma consideravelmente mais rápida. O homem possuía pouco domínio da medicina e a sobrevivência era tarefa árdua. Para aliviar o real da doença e da morte, os medievais recorriam aos símbolos e as crenças. Segundo Jean Delumeau (1993), o medo esteve e está presente em toda a história humana, no entanto, no maravilhoso medieval surgiram demônios que levaram séculos para serem exorcizados, talvez, o mais notável seja o medo da peste.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

Ainda de acordo com o autor, a doença era vista como uma cólera divina e somente os homens religiosos tinham a capacidade de exorcizá-la, de amansar a cólera de Deus e restaurar a saúde do enfermo. As fantasias do medieval propiciavam uma seleção daqueles que eram capazes de serem os curadores. Ora, se a doença é ainda um mal a ser exorcizada, é quando as ações de saúde falham que as pessoas recorrem aos símbolos, à religião, aos curadores, à intervenção da divindade.

Os medievais acreditavam que os males só adentravam o mundo com a permissão de Deus. Para tanto os escolhidos para expurgarem este mal eram os pontífices, o personagem encarnado como a ponte entre o homem e Deus. “Se os agentes de Satã eram os responsáveis por fazer entrar a doença e toda a sorte de males no mundo humano, cabia aos agentes de Cristo o trabalho contrário”. A disputa do bem contra o mal, cujo discurso é tão caro também aos que detêm o poder político nos dias modernos. Delumeau (1993) diz que não apenas os indivíduos, mas as coletividades estão entrelaçadas numa conversa que é constante com a paixão humana menos afortunada; o medo, revela os fantasmas dos natais passados que assolaram o medieval, o mar, as trevas, a fome, a bruxaria, o Apocalipse, Satã e seus enviados. O autor é responsável por uma leitura genial que marcou a historiografia ocidental.

Porque a história tem medo do medo? Há um silêncio quando se trata de uma historiografia do medo. Delumeau (1993), rompe este vazio. O medo deixou as bibliotecas vazias quando se trata do tema, pois este sentimento gera nos seres humanos um misto de vergonha e inquietação, a ponto de escondermos o medo dentro de nossas entranhas como uma das relíquias mais purulentas da história.

A coragem era motivo de exaltação diferente do medo, havia o arquétipo do cavaleiro sem medo, assim como Heitor defendia Tróia com uma postura ativa e destemida. Essa exaltação da coragem era deveras contrastante de um “coletivo medroso”. Delumeau (1993) cita Virgílio “o medo é a prova de um nascimento baixo”. O autor coloca outras evocações literárias e épicas que



**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

justificam os motivos ideológicos que silenciaram o medo no decorrer da história, tema tão caro, porém esquecido e recalçado.

### 1.1.2 Há quantos sujeitos em mim?

Freud (1930/1996) considera que viver em civilização só foi possível quando os seres humanos, como que numa espécie de escambo, trocaram sua liberdade pulsional por um pouco de segurança. Segundo Freud (1930/1996), há vários tipos de medidas paliativas para que a realidade não nos engula, satisfações substitutivas, que diminuem o mal-estar, como as substâncias tóxicas que nos tornam insensíveis à realidade. As satisfações substitutivas que a arte proporciona são ilusões, mas se tornam um artifício eficaz diante da fantasia e sua função na constituição psíquica, a drogadição que altera o corpo e sua química e, por fim, a religião. Freud (1930/1996), se volta para uma questão que ainda permanece um enigma: a felicidade. O homem busca a felicidade, quer a todo custo experimentá-la e permanecer feliz. Há duas metas para tanto, uma positiva e a outra negativa, uma se volta para o alívio do sofrimento e a outra por a busca incessante do prazer. A felicidade traz consigo esta dicotomia, e os homens almejam a felicidade por estes meios.

O que norteia o sentido da vida é o princípio do prazer. Este princípio que está presente em nosso psiquismo desde a infância. A felicidade advém da satisfação de necessidades represadas em alto grau. Freud (1930/1996), afirma que a felicidade é episódica e efêmera. A infelicidade é menos difícil de experimentar, ora, o homem já está mais adaptado com ela. Segundo Freud (1930/1996), o sofrimento nos ameaça a partir de três direções:

De nosso próprio corpo, condenado à decadência e a dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo que pode voltar-se contra nós com forças esmagadoras e impiedosas, e, finalmente, de nossos relacionamentos com outros homens (FREUD, 1930/1996, p. 50).

**UNIPAC**Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

Segundo Freud (1930/1996), o último é o mais penoso e, diante destas inúmeras fontes de sofrimento, os homens se adaptaram e contentaram várias reivindicações de felicidade. O princípio do prazer se transforma no princípio da realidade.

A pergunta que começa o livro “O Mal-Estar na Civilização” refere-se ao sentido da vida. A religião sempre se voltou para esta questão, mas segundo Freud (1930/1996) estas respostas situam-se no campo da ilusão. A questão é fugir de um debate generalista, universal e absoluto, pois o sentido da vida só pode ser compreendido na esfera subjetiva.

Nos primórdios da constituição psíquica o sujeito não reconhece sua dependência de outrem e está imerso no autoerotismo e se julga autossuficiente. Quando o ser compreende sua dependência do outro surge então a frustração. De acordo com Freud (1930/1996), o ego passa pela transformação de ego-prazer para ego-realidade, e as pulsões sofrem alterações que levam o autoerotismo original ao amor objetal. Dessa forma, diante do imediato e irrevogável sofrimento que ocorre devido a esta frustração, há uma passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade. O papel da frustração é criar represas, que limitam o gozo. A questão da felicidade que antes era vivida com relação despótica do prazer, passa a se voltar para a fuga do desprazer e do sofrimento.

Freud (1930/1996), compreende a relação eu-outro como uma dimensão infernal:

Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante em potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que tenta satisfazer sobre ele sua agressividade, explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. Homo homini lupus (FREUD, 1930/1996, p. 70).

Se para Freud (1930/1996), a relação para com o outro perpassa a dimensão do infernal, é porque a dialética que o eu vive com o outro está cheia



**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

de fantasmas que perpassam a história subjetiva de cada um. O eu não permite ser devorado e, em um conflito homérico que atravessa a humanidade, o eu deseja reduzir o outro ao mesmo, tentativa de puro fracasso. A relação do eu-outro está fundamentada no desamparo.

O texto “O Mal-Estar na Civilização” aponta a alteridade, o encontro com o outro como algo traumático, porém, as trocas intersubjetivas estão envoltas por vários atores sociais, figuras de alteridade. O material apresenta um ponto de debate entre ética e psicanálise:

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental (FREUD, 1930/1996, p. 42).

A ética da psicanálise consiste em ouvir o indivíduo em sua radical singularidade, não podendo colocar nenhum juízo geral, o que gera um dilema como propor uma ética sem um princípio universal. Freud (1930/1996), teceu comentários sobre a ética cristã, principalmente sobre dois axiomas fundamentais. Ao expor o mandamento “amarás o próximo como a ti mesmo e amarás seus inimigos”, Freud (1930/1996) irá se voltar para este mandamento como um ideal civilizatório, algo a ser alcançado no perder de vista do horizonte, o próprio termo ideal já aponta algo que não pode vir a ser alcançado, algo quimérico. “O axioma de ‘amar o próximo como a mim mesmo’ seria possível? “Meu amor, para mim, é algo de valioso, que eu não devo jogar fora sem reflexão” (FREUD, 1930/1996, p. 69). Será possível amá-lo da mesma forma em que me amo? Esta não seria uma forma de desmerecer meu amor por mim? É mais fácil se armar contra os outros, do que amar uns aos outros. O estranho é um ser hostil, pois nele se confere o desconhecido, o estanho é um não-eu, algo que nos é infamiliar.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

Na base de todas as relações se encontra Narciso, a força motriz dos relacionamentos interpessoais, o modelo de todas as relações, para Freud (1930/1996), o mandamento faria mais sentido em seu reverso, ame o próximo na medida em que ele te ama, desta forma, pensar muito mais em nós mesmos do que nos outros.

Para tanto, uma ética pautada na solidariedade, onde se reconhece a importância do outro e o respeito mútuo, é condição *sine qua non* para abalar as estruturas sociais. A Psicanálise trabalha com pulsões, com consciente-inconsciente e desejo e agressividade. Está é um dos alcances da pulsão de morte, aquilo que está na gênese do aparelho psíquico, a compulsão à repetição, o gozo, aquilo que não tem nome nem nunca terá. Ou, como é dito por Freud (1920/1977, p. 25): “a tensão que então surgiu no que até aí fora uma substância inanimada se esforçou por neutralizar-se; dessa maneira surgiu o primitivo instinto: o instinto a retornar ao estado inanimado”. O pensamento freudiano pode ser compreendido como algo contracultural, suas ideias chocaram e ainda chocam uma grande parcela de um imaginário social.

A antropologia psicanalítica compreende o homem como um ser de desejo e pulsões agressivas, o que nos mostra a visão da psicanálise da máxima cristã como algo utópico. O axioma do cristianismo está fadado ao fracasso, a ideia de que os seres humanos são criaturas bondosas, pacíficas, são ideais romantizados e a história tem nos mostrado o potencial agressivo do homem. Nas palavras de Freud (1930/1996, p. 70): “os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade”. O que Freud (1930/1996) mostrou é que a civilização teve que encontrar meios e estabelecer parâmetros para controlar a agressividade que é inerente à condição humana, e que mesmo com mecanismos e formas de sublimar, sempre haverá um resto que não se inscreve.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

Pela perspectiva freudiana, o mandamento cristão é algo que vai totalmente às avessas da natureza humana. O psicanalista revolucionou a subjetividade ao dizer que o eu não é senhor dentro de sua morada, que o eu é um outro, o eu é feito à imagem e semelhança de um outro, eu e outro se misturam. Este próximo, este semelhante que o mandamento insiste em amar é um estrangeiro, é uma relação puramente paradoxal. O outro me assemelha, mas é rival, o eu e o outro estão em um conflito, um eu nunca vem sozinho, este está sempre acompanhado, eu e outro são indissociáveis, já que a constituição do eu é atravessada pela imagem do outro.

#### **1.1.4 Quem de nós é o estrangeiro?**

Este artigo trilha caminhos, percursos para compreendermos as nuances entre a misericórdia, o medo e as desigualdades sociais trazendo uma varredura histórica, mas com os olhos voltados no contemporâneo. No livro “Estranhos à Nossa Porta”, de Zygmunt Bauman (2017), o autor se volta para o fluxo migratório na Europa, que tem alarmado os indivíduos e gerado um pânico moral, condição esta que permeia o velho continente e que ameaça o sonho de uma sociedade de bem-estar advinda da promessa liberal. A análise de Bauman abre cenários psicológicos de medo, terror, rejeição e ódio frente à população europeia e os exilados. O autor denota que o mundo globalizado tem apresentado contingências sociais atenuantes, que a globalização produz lixo material e lixo humano, assim como o crescente desemprego, a busca por uma vida mais segura e confortável não fecham a equação, além de criar um constante estado de alerta. Diante de todos esses fatos sociais, há ainda um agravante: a questão migratória presente na Europa deixa as pessoas mais inseguras. Nisso, questiona-se com frequência o que fazer se o estranho bate à nossa porta, como são tratados os estranhos que enfrentam o oceano, perdem seu território geográfico e humano, a quem se deve culpar? Os estranhos, os migrantes, se tornaram indivíduos redundantes, objetos.



**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

O escritor Bauman é um humanista radical e crítico ferrenho do neoliberalismo e defende a tese do fenômeno da migração como um fenômeno biforme. Os estranhos se mudaram porque os “normais” invadiram suas nações, pois este fenômeno tem como causa as expedições militares fracassadas e extremamente violentas em países do Oriente Médio. Muitas destas intervenções tinham o intuito de derrubar estados ditatoriais, mas que culminaram em conflitos tribais e sectários. Outra variante resultante no aumento das migrações são as promessas da globalização, do “*American Way of Life*”. Promessas essas que chamam atenção dos periféricos deste mesmo sistema.

Em um mundo cada vez mais caótico, sem territórios fixos, a chegada dos estranhos provoca ainda mais animosidade de ordem política, social, econômica e cultural, sem falar nos impactos psicológicos frente aos migrantes. Isso tudo gera ainda mais impulsos de violência, xenofobia frente aos exilados, cuja situação já é trágica por si só. Dessa forma, os culpados têm sido os estrangeiros, o que não faz nenhum sentido, mas acaba sendo uma maneira mais ardilosa de se encontrar um bode expiatório. A globalização reforça processos de ordem global numa perspectiva neoliberal, todo discurso sobre a globalização possui um cunho ideológico. Um dos pontos da política neoliberal é o colapso da social democracia europeia.

Os próprios políticos usam e abusam deste pânico moral e inflamam ainda mais sentimentos de medo e ódio frente aos migrantes. Bauman (2017) chama a atenção da política de securitização, que proporciona a ascensão de sentimentos contra o islamismo, criando um ciclo constante de ódio. O autor defende uma conciliação entre a moral e a política, assim como uma postura cosmopolita e humanitária frente à questão dos estranhos, indo além da obsessão da globalização em busca do controle e da segurança. Bauman parte do pressuposto que a humanidade contemporânea está inserida em um mundo cosmopolita, embora muitos ignorem este fato, a saída para o problema é uma questão diplomática, de diálogo entre as partes e a aposta na solidariedade.



**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

---

Para resolver ou pelo menos reduzir os danos da globalização, a solução não é criar muros entre as fronteiras, mas a construção de pontes entre as culturas. Nesse sentido, é fundamental perceber a experiência de reconhecer o outro, isso não pode ser instrumentalizado, mas pode ser vivido, é preciso a todo custo defender a subjetividade dos estranhos. Numa ótica solidária abalar as estruturas sociais, já que a solidariedade tem como fim a diminuição da desigualdade social e a transformação da realidade.

Com a proposta de realizar uma genealogia em torno dos processos de saúde no país, do período Monárquico ao atual, a pergunta que norteia este estudo é: o direito a saúde continua sendo uma prática misericordiosa? Em ciências humanas, é comum que palavras se assemelhem, definições não são neutras, trazendo consigo juízes de valores implícitos. Tais confusões aparentemente semânticas acabam por dificultar a discussão e a crítica. Com isso, serão problematizados dois significantes: a compaixão e a solidariedade.

Compaixão, misericórdia e caridade, são palavras que possuem campos semânticos semelhantes. A solidariedade, entretanto, possui outro fim. Para se discutir essa questão surgem variáveis linguísticas, históricas e de relações de poder que serão melhor avaliadas com base nas contribuições de Caponi (2000).

Quando um indivíduo se volta para acolher o sofrimento de outrem, há várias contingências que irão justificar essa ação. É importante demarcar que a solidariedade legítima tem seus atributos como o respeito entre as partes e a partilha da falta. Já a compaixão piedosa resulta no benfeitor um sentimento de mais valia, pois ele acredita ser um homem cheio de virtudes por ter se voltado para o semelhante.

É pertinente realizar uma crítica às intervenções assistenciais escamoteadas pela lógica da compaixão piedosa, lembrando que estas práticas estiveram presentes na história e que é preciso compreender os perigos mascarados e os atenuantes políticos que atravessam a lógica perversa da compaixão. Há uma crença de que a assistência voltada para uma



**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

compaixão piedosa possa trazer benefícios, mas ao contrário elas reforçam formas tirânicas de controle, em prol da felicidade de uns e da compassividade de outros. Realizar uma genealogia da assistência médica é de suma importância, pois dessa forma se construirá uma crítica do modelo histórico do funcionamento da medicina, para que assim, os profissionais de saúde se voltem para o presente e estejam aptos para encontrar meios de modificar a práxis e abalar as estruturas sociais, algo que os atos caritativos e de compaixão não almejam e nem se interessam em fazer. É preciso conhecer a história da assistência médica para elucidar possíveis formas de controle e vigilância. Diante dessa problematização, é válido citar uma colocação feita por Machado (1978 *apud* CAPONI, 2000):

Uma dupla relação se estabelece entre a história e a atualidade: por um lado, o desvelamento do passado, do modo específico de emergência das configurações atuais, é indispensável para uma percepção mais lúcida do presente. No momento em que se procuram novas formas de funcionamento da medicina que não veiculem uma dominação de classe, que não sejam uma intensificação dos dispositivos de poder criados pelo capitalismo como condição indispensável à sua perpetuação, a abordagem crítica da história é um instrumento importante para a realização das experiências que pretendem impregnar o futuro. Por outro lado, a ida ao passado, o projeto de pesquisar as origens da [...] medicina como discurso e como prática política, é, ele próprio esclarecido pelo presente, determinado pela exigência de aprofundar sua crítica e de fornecer elementos para a transformação das condições atuais de seu modo de intervenção (MACHADO, 1978, *apud* CAPONI, 2000, p. 11).

Para tanto, é necessário transformar os modos atuais de intervenção, levando as estratégias de poder presentes nas micropolíticas do cotidiano que percorre o saber médico. A tecnologia médica se volta para o que é mais maleável e passível de ser manipulado: o corpo humano, prática que por si só é reducionista, pois não abrange a subjetividade do doente.

Para que essa forma de controle seja realizada é fundamental que se apresente como uma compaixão piedosa para os assistidos. É crucial polemizar a assistência caritativa ao se realizar um sentimento de piedade para

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

---

aqueles que sofrem ou por outra concepção com uma lógica utilitarista em prol de um suposto bem-estar geral, o que fez com que esta coerção hoje admitida, seja o fato dela se apresentar como um pseudohumanismo, como uma compaixão piedosa em prol da classe dominante.

É de suma importância compreender tais práticas para poder desmascará-las. Práticas essas que estão tão arraigadas na cultura ocidental e que apresentam pura e simplesmente um discurso hipócrita e altamente coercitivo. É preciso ter em mente que as formas de compaixão piedosa e a ética utilitarista como instrumentos de poder que excluem qualquer forma de diálogo, objetivam o assistido em uma lógica de subordinação e até de infantilização. Muitas destas práticas mascaradas de um pseudohumanismo fazem parte de várias instituições e práticas assistenciais. Para isso é fundamental analisá-las, compreendê-las e realizar práticas cujos pilares são a solidariedade, que parte do respeito mútuo e do reconhecimento do outro. A ideia não é infantilizar os necessitados ou enfraquecê-los, pelo contrário, é torná-los fortes através de práticas que promovam o homem, possibilitando a criação de laços sociais em vez do exílio, reconhecê-los como cidadãos e agentes de transformação da realidade social. A lógica da compaixão piedosa instaura um binômio perverso, de servir-obedecer, isso reforça relações dissimétricas. A compaixão possui uma lógica vertical, de cima para baixo, pressupõe uma dependência, uma relação servil; já a solidariedade é horizontal, permite a troca intersubjetiva e a partilha da falta. A caridade cristã ou qualquer tipo de compaixão não pode e não deve estar atrelada à assistência à saúde pública. Para tanto, é preciso criar ou recriar uma lógica onde os doentes tenham voz, adentrando uma rede de diálogo. Para que se realize uma crítica contundente da compaixão foi necessário recorrer ao pensamento de Nietzsche (1844/1900), pois este era um crítico da ética cristã e soube demonstrar de maneira precisa os instrumentos de poder envolvidos na compaixão piedosa que se revestem de uma assistência e de um auxílio, mas que, na verdade, oferecem coerção, docilização e submissão. Para esta

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

discussão, seus questionamentos são precisos e esclarecedores. Segundo Nietzsche (1882/1984), as perguntas podem ser resumidas em duas:

É conveniente ser antes de mais nada, homens compassivos, é conveniente para os que padeçam que deles vos compadeçais? A resposta a esta questão será clara: Nossos benfeitores diminuem nosso valor e nossa vontade, ainda mais que nossos próprios inimigos (NIETZSCHE, 1882/1984, p. 338).

O benfeitor não conhece a dor de quem sofre, o benfeitor quer a todo custo socorro imediato para lhe comprazer o alívio imediato. O homem piedoso, o filantropo, não é capaz de tolerar a dor e não tem a capacidade de ver o bem no infortúnio. Segundo Nietzsche (1882/1984), é alguém que “quer socorrer e não que o infortúnio pode ser uma necessidade pessoal, e que você e eu podemos necessitar tanto do terror, das privações, da pobreza, das aventuras, dos perigos, dos desenganos quanto dos bens contrários” (NIETZSCHE, 1882/1984, p. 338). O homem afortunado esqueceu que as ausências fazem parte da existência.

## **2 METODOLOGIA**

Para se alcançar os objetivos do artigo utilizamos como método a leitura do projeto de pesquisa “DAS MISERICÓRDIAS REAIS AO DIREITO DEMOCRÁTICO: BREVE TRAJETÓRIA ANALÍTICA DAS CONCEPÇÕES DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL” (PEREIRA, 2018), trazendo à tona os aspectos pathemicos do discurso e, além disso, foram realizadas comparações entre o material “Compromisso Primitivo da Misericórdia de Lisboa” (SOUSA, 1996) e as atuais políticas públicas de saúde diante da possibilidade de encontrar elementos parecidos que permitiram um olhar crítico da formação leiga e democrática do Estado Brasileiro. Portanto, realizou-se um parâmetro entre o discurso religioso da misericórdia embasados no texto “Compromisso Primitivo



**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

da Misericórdia de Lisboa” interligando com o discurso democrático e científico, no qual estão embasadas as Políticas Públicas de Saúde do Brasil contemporâneo. Assim, foram feitas reflexões em torno de aspectos de longa duração com o intuito de encontrar traços medievais que, mesmo de forma escamoteada, se apresentam nos discursos modernos em torno da construção de um Estado Democrático de Direito. Então, buscou-se demonstrar como um discurso baseado na caridade funciona utilizando estratégias de poder baseados no ideário religioso que se voltam para as práticas de misericórdia e não contribuem para a emancipação dos cidadãos baseado em uma lógica moderna.

O artigo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, com elementos historiográficos que se voltam para fatos humanos que não são passíveis de sistematização, possibilitando um estudo integral, realizando uma discussão profícua em temas associados à Psicologia. À vista disso, será apresentado questões atuais, realizando uma crítica à compaixão piedosa junto às contribuições da História de Longa Duração, proporcionando um diálogo entre questões históricas, econômicas e sociais. Um olhar psicanalítico frente o mal-estar presente nos laços sociais, reiterando sua importância para o humano.

Por conseguinte, foram realizadas leituras sociológicas de Zygmunt Bauman (1999/2017) frente o fluxo migratório e a urgência de um posicionamento e a criação de vínculos de solidariedade, a criação de pontes, que possibilitem o diálogo e a aproximação entre as culturas, entre as nações e o encontro genuíno entre os homens.

A construção dos fundamentos que endossam as ideias deste projeto foi possibilitada pela leitura do livro “Da Compaixão à Solidariedade” (CAPONI, 2000). O material aborda as práticas de compaixão piedosa utilizando a história de modo estratégico para reconhecer tais práticas no mundo contemporâneo e no Brasil. Também nos debruçamos na obra “O Mal-Estar na Civilização” (FREUD 1930/1996), que analisa a questão dos laços sociais, da alteridade, campo de sofrimento e tensão, e por fim, o livro “Estanhos à Nossa Porta”

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

(BAUMAN, 2017), que problematiza os impactos migratórios e a crise humanitária que assola a humanidade, cuja saída proposta pelo autor é a solidariedade.

### 3 ANÁLISE DA PESQUISA

A construção dos fundamentos que endossam as ideias deste projeto foi possibilitada pela leitura do livro “Da Compaixão à Solidariedade” (CAPONI, 2000), que aborda as práticas de compaixão piedosa, utilizando a história de modo estratégico, para reconhecer tais práticas no mundo contemporâneo e no Brasil. Também foram lidos “O Mal-Estar na Civilização” (FREUD, 1930/1996), que analisa a questão dos laços sociais, da alteridade, campo de sofrimento e tensão, e o livro “Estanhos à Nossa Porta” (BAUMAN, 2017), que problematiza os impactos migratórios e a crise humanitária que assola a humanidade, cuja saída proposta pelo autor é a solidariedade.

A pesquisa é uma experiência de estágio oferecida pela UNIPAC cujo o supervisor foi o professor Helder Rodrigues Pereira. No decorrer do projeto foram realizadas discussões, apresentações de amostra científicas e encontros semanais. A discussão teórica é composta de percursos. No artigo se busca compreender a hipótese da longa duração (*longue durée*) presente no texto legal sobre a moderna concepção de saúde como direito do cidadão e dever do Estado, associando a teoria linguística com elementos da História das Mentalidades cujo objetivo foi de encontrar e possibilitar uma crítica em torno das influências medievais nas atualidades Políticas Públicas de Saúde. A pergunta que nos norteou foi se o direito à saúde continua sendo uma prática da misericórdia?

A chamada História da Longa Duração (*longue durée*) postula que poucas coisas mudam nos trilhos da história; pouco se muda nas relações humanas. Tal perspectiva é deveras contrastante com uma historiografia positivista e factual. Os historiadores da Escola dos Annales se voltam para as

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

miudezas da história, temas que não são caros a historiografia tradicional. Assim é que o medo, a morte, as lágrimas, o vestuário, a beleza, dentre outros, começa a ser recuperados como parte de uma história que não se modifica ao longo do tempo. A humanidade contemporânea é atravessada pelas micropolíticas dos elementos medievais. Portanto, constata-se um certo espanto que fere o narcisismo do homem contemporâneo. Há traços do medieval presentes na era globalizada, marcada pelos laços de fluidez. O que se constata são traços demasiado humanos que se repetem no decorrer do tempo.

O eixo psicológico escolhido foi a Psicanálise, principalmente o Mal-Estar na Civilização (FREUD 1930/1996). Freud se volta para questões como o sentido da vida, a felicidade e as fontes do sofrimento humano. Tais questões sempre foram tensionadas pela religião cujas respostas, para Freud, situam-se no campo ilusório. A Psicanálise tem como marca e compromisso ético de situar-se na subjetividade, questionando respostas generalistas e universais. Neste sentido, a verdade na Psicanálise é um semi-dizer, não é possível encontrar verdades ou respostas que sejam absolutas, o sentido da vida, por exemplo, só pode ser encontrado em uma esfera pessoal.

Para Freud (1930/1996), a felicidade é sempre episódica, o prazer não é sempre efetivado, a felicidade toma o homem de surpresa, Freud (1930/1996) cita o poeta Goethe no que tange a felicidade: “Nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos”. O sofrimento é algo mais comum para o homem. De todas as direções do sofrimento, Freud aponta a relação com o outro a mais dolorosa, os relacionamentos entre os seres humanos são relações paradoxais, sem o encontro com o outro não haveria o humano, pois, a subjetividade é forjada com os laços de alteridade.

O texto Mal-Estar na Civilização permite uma reflexão sobre a ética da psicanálise. Freud (1927-1931), ao tecer comentário sobre qualquer juízo geral, sugere um paradigma para se pensar a ética e como propor uma ética sem um princípio universal. O autor voltou-se para os problemas relacionados à ética de



**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

forma alusiva, porém em sua obra é deixado pistas do posicionamento do psicanalista quando ele se volta para a caridade cristã, tema que é utilizado nesse artigo e cuja leitura freudiana se torna um percurso a ser trilhado.

A interpretação freudiana sobre os mandamentos do cristianismo aponta os axiomas como ideais civilizatórios, algo a ser alcançado e que contrasta a agressividade que percorre o sujeito. Essa exigência quimérica pode orientar a conduta do homem, prescrever um posicionamento frente ao mal-estar presente nos laços sociais, mas é um objetivo que não pode ser de fato efetivado. “A prescrição de “amar o próximo como a mim mesmo” seria possível? “Meu amor, para mim, é algo de valioso, que eu não devo jogar fora sem reflexão” (1930/1976, p. 130).

No livro “Estranhos a Nossa Porta”, Bauman (2017), se volta para a crise migratória e realiza uma investigação sociológica sobre o fluxo migratório, principalmente no que tange ao continente europeu e a tragédia vivida pelos migrantes. O sociólogo se volta para os atenuantes psíquicos, os confrontos políticos e econômicos que perpassam esta enorme onda de migração, sendo a população migrante vistas como estranhos. O homem é sempre um estrangeiro, desde os primórdios da humanidade houve pessoas que batem à porta de outras, os indivíduos sempre se deslocaram em busca de segurança, fugindo dos augúrios da guerra e da fome. Atualmente, esses hóspedes têm sido vistos como parasitas, seres indesejados que geram sentimento de medo e ansiedade.

No contexto atual, o fenômeno migratório avança por toda a Europa e espalha um pânico moral, o medo que ameaça a sociedade advinda da promessa neoliberal. Bauman (2017) analisa as origens, as margens e as consequências deste pânico moral. O mesmo se volta para o pavor provocado pelas migrações e a crescente objetivação que tem sido feita aos estranhos, pessoas descartáveis, inúteis e crescentemente desumanizadas. O sociólogo mostra que os políticos, em meio a tanta animosidade, tomam uma postura





**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

ardilosa explorando da situação e inflamando ainda mais sentimentos de ódio e rejeição sobre os excluídos.

Bauman (2017) é afirmativo quando situa que a política de separação é algo equivocado, pode ser um paliativo, causar um alívio imediato, separando a humanidade das diferenças, mas a longo prazo está destinada ao fracasso. O autor ainda coloca que a sociedade vive uma crise humanitária, cuja saída é reconciliação entre a moral e a política, e a construção de pontes entre os homens, para fortalecer os pilares mais fracos da sociedade, e estabelecer vínculos de solidariedade.

Da “Compaixão à Solidariedade” (CAPONI, 2000), é uma obra que se volta para as motivações das quais foram legitimadas modalidades de assistência médica para os necessitados. A autora analisa a história destas práticas tendo em voga as estratégias voltadas para uma lógica de compaixão piedosa. Tais práticas estão fundamentadas na lógica da caridade ou em um utilitarismo filantrópico que fortalecem vínculos dissimétricos entre os assistentes e os assistidos. A autora, assim como Bauman, se volta para a solidariedade acoplada no imperativo de fundamentar vínculos horizontais que respeitem o assistido baseadas na equidade e na transformação ativa da realidade social e não em práticas caritativas que atendem a classe dominante.

## **CONCLUSÃO**

Uma das hipóteses levantadas é se o direito a saúde continua sendo uma prática de misericórdia. O que se constatou é que as práticas de misericórdia mesmo que de forma nivelada ainda estão presentes nas modernas concepções de saúde no Brasil. As estratégias caritativas são utilizadas como práticas para fins utilitaristas que desfavorecem a emancipação humana, a capacidade dos cidadãos de gerirem a sua vida, conhecerem seus

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

desejos e necessidades apresentam uma ameaça ao *modus operandi* que percorre a saúde no país.

A história das políticas públicas diz muito a respeito da realidade do país. O percurso histórico possibilitou a compreensão de que o homem da era globalizada traz consigo elementos medievais, afirmando que poucas coisas mudam nas relações humanas.

O percurso psicanalítico contribui para a reflexão sobre o desamparo, que o homem é um ser condenado ao desalento e que a doença traz consigo o real, o indizível e a efemeridade que acompanha o ser humano. O mundo externo pode voltar-se contra o homem com forças impiedosas, cabendo ao homem a tarefa de responsabilizar pela sua subjetividade que está imersa de questões fantasmáticas que demarcam o encontro eu-outro como uma dimensão infernal. Diante dos problemas advindos do contemporâneo, o fluxo migratório, as mudanças da era globalizada carregam consigo uma questão inacabada, que ainda está em construção, cujo terreno assim como na Idade Média, ainda é misterioso e desconhecido. Cabe ao homem a construção de pontes e redes de solidariedade, uma postura humanista e saber localizar a subjetividade da época da qual vive.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio – França e Inglaterra*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAPONI, Sandra. *Da compaixão à solidariedade: uma genealogia da assistência médica*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

---

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano "O mal-estar na civilização". *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 10, n. 2, p. 287-294, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

PEREIRA, Helder Rodrigues. *Das misericórdias reais ao direito democrático: breve trajetória analítica das concepções de saúde pública no Brasil*. Projeto de Pesquisa Programa de Bolsa de Iniciação Científica – PROBIC: Barbacena, Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), 2018.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública*. v. 31, n. 5, p. Disponível em: 538-542, 1997.  
[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489101997000600016&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489101997000600016&script=sci_abstract&lng=pt) Acesso em: 01 de ago. de 2020.

SOUSA, Ivo Carneiro. Compromisso Primitivo das Misericórdias Portuguesas (1498-1500). *Revista Científica Nacional*, v. 13, p. 259-306, 1996. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8454/2/2164.pdf> Acesso em: 10 de ago. de 2020.